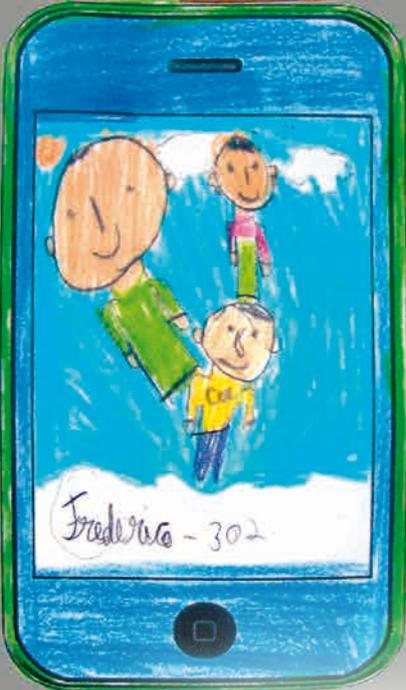
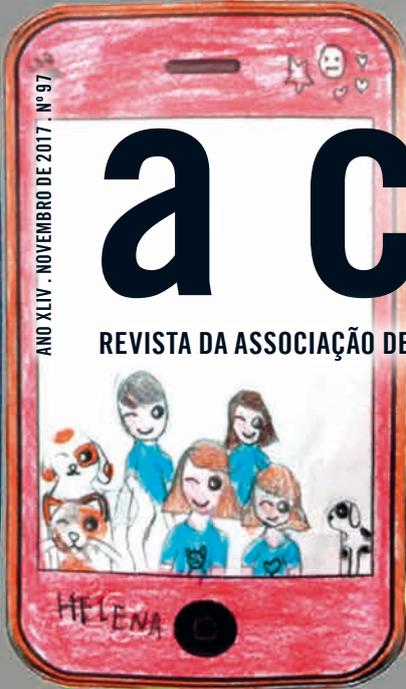


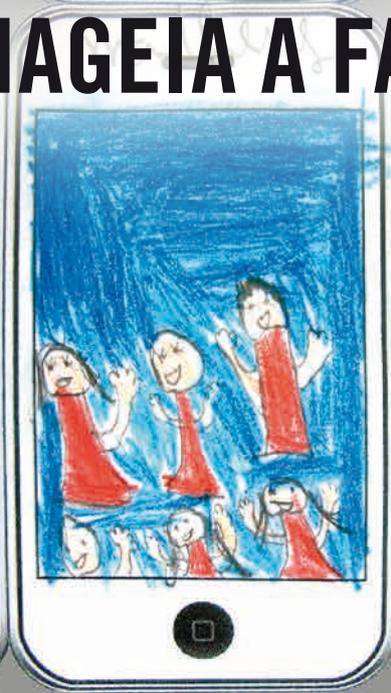
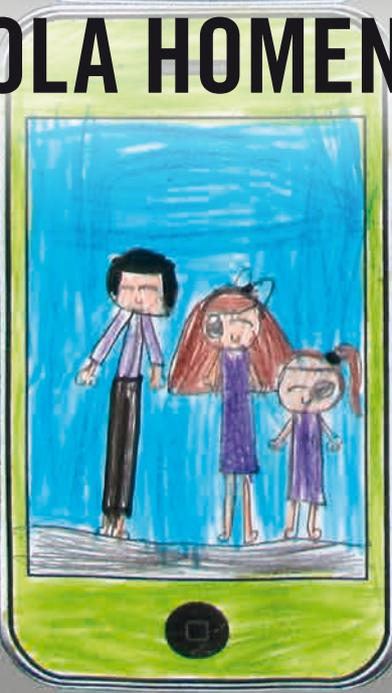
a chama



REVISTA DA ASSOCIAÇÃO DE PAIS E MESTRES DO COLÉGIO SÃO VICENTE DE PAULO



A ESCOLA HOMENAGEIA A FAMÍLIA



A APM e as Famílias

Se você reparar no expediente da revista abaixo, verá que da Diretoria da Associação de Pais e Mestres fazem parte Pais, Mães e Responsáveis por Alunos do São Vicente, individualmente. Até um tempo atrás não era assim: integravam a Diretoria da APM apenas casais, Pais e Mães de Alunos. A mudança parece sutil, mas acompanha o que vem se passando no próprio Colégio e no resto da sociedade.

“Este processo faz parte da atualização não só da APM, mas da própria Escola como um todo, já que as Famílias hoje possuem distintas configurações. E aí tanto a Escola, como os Educadores e a APM buscam se atualizar e se tornarem ativos e inclusivos, diante dos novos desenhos de Famílias e relações familiares que se apresentam no mundo contemporâneo”, diz a Presidente da Associação, Simone Fuss.

Simone destaca que, para a APM, a Família constitui um dos pilares da relação entre a Escola, os Professores e os Alunos. E lembra que, como é observado no próprio Projeto Político-Pedagógico, “O aprendizado das relações sociais na vivência das práticas escolares está interligado com a Família”.

E é com estes princípios que a APM tem trabalhado. Sejam bem-vindas à APM, Famílias do Colégio São Vicente. Todas. De todos os formatos e de todas as maneiras.

NOTA DA REDAÇÃO

A matéria de capa da edição anterior de A Chama, dedicada às Coordenações Acadêmica e Pedagógicas do São Vicente, não fez menção a outra novidade importante este ano no Colégio: a adoção da função de Coordenação Pedagógica Adjunta, no Segmento do Ensino Médio, mais especificamente no 2º e 3º anos. Quem está à sua frente, trabalhando ao lado da Coordenadora Pedagógica Liliane Ferreira dos Santos, é o Professor de Matemática Fábio Henrique de Souza, a quem nos desculpamos pela omissão.

CAPA: DESENHOS DAS FAMILIAS NOS IPHONES -3º ANO EF

a chama

Revista editada pela Associação de Pais e Mestres do Colégio São Vicente de Paulo

Ano XLIV Nº 97

Rua Cosme Velho, 241 - Cosme Velho - Rio de Janeiro - RJ - CEP 22241-125

Novembro/ 2017

Telefone: (21) 3235-2900 e-mail: revistachama@csvp.g12.br

Supervisão Editorial: Pe. Maurício Paulinelli e Marlene Duarte

Reportagem: Rodrigo Prestes e Rosa Lima

Edição de Textos: Rosa Lima

Revisão: Pe. Maurício Paulinelli e Marlene Duarte

Projeto gráfico e Produção Editorial: Christina Barcellos

Fotos: arquivo CSVP, arquivo Lauro Basile, arquivo Ana Achcar, arquivo Gabriel Estil, Renata Azevedo, Maurício Krause, Sílvia Brana Lopez, Rosa Lima, Simone Fuss, Christina Barcellos e School Picture

Distribuição interna e venda proibida

Tiragem: 2 mil exemplares

Jornalista Responsável: Rosa Lima - Mtb: 18640/RJ

DIRETORIA DA APM

Diretora Presidente: Simone Fuss Maia da Silva

Diretor Vice-Presidente: Carlos Machado de Freitas

Diretora Secretária: Sílvia Braña Lopez

Diretora Tesoureira: Renata Gorges Rocha Guimarães

Diretora Social: Marlene Martins Duarte

Representante dos Professores: Ivone Vieira

Assistente Eclesiástico: Pe. Agnaldo Aparecido de Paula

Conselho Fiscal: Natália França Ourique, Carolina Ebel de Ribeiro Lopes, Vania Etinger de Araujo, Hélcio França Alvim Filho, Neuza Carla Miklos Pereira, Cláudia Regina de Moura Duarte

Secretário da APM: Edevino Panizzi

FOTO GABRIELA ANDRADE / VENCEDORA DO II CONCURSO FOTOGRÁFICO PE. LAURO PALÚ

SUMÁRIO

2 CAPA
FAMÍLIA: LAÇOS DE AFETO

6 HOMENAGEM
OS 30 ANOS DO TEATRO INFANTIL

10 COMO SE FAZ
PROJETO DE ARTE REFLETE SOBRE PRESERVAÇÃO

12 ONTEM E HOJE

14 COMO SE FAZ
APRENDENDO A PRODUZIR RESENHA CRÍTICA

16 TRANSFORMADORA SOCIAL
ANA ACHCAR, CRIADORA DA ENFERMARIA DO RISO

18 AÇÃO PEDAGÓGICA
MORTIFICAÇÃO: A VIRTUDE VICENTINA DO ALTRUÍSMO

20 COMUNIDADE
A NOVA COORDENAÇÃO COMUNITÁRIA DO SV

21 NOTAS

24 FORMANDOS 2017

EDITORIAL

Olá, Caro Leitor.

Em tempos tumultuados como os que vivemos atualmente, nada como voltar a pensar nas estruturas básicas que constituem a sociedade, como a Família. E, Família é assunto muito importante para a Associação de Pais e Mestres bem como para o Colégio São Vicente de Paulo. Pensando nas mudanças pelas quais as Famílias vêm passando, por seus novos modelos e formatos, o CSVP vai se adequando e comemora a Semana da Família. Como diz Padre Maurício Paulinelli, “a compreensão sobre Família vai se ampliando para aquele lugar de convivência, onde se estabelecem relações a partir de laços afetivos e compromentimentos. Considera-se Família, espaços onde se vivem os valores que favorecem mais vida – o acolhimento, os serviços do amor, a doação, o afeto, o zelo, o bom trato”. A relação Família-Escola é ponto importante para a Comunidade Vicentina. Pensando em tudo isso, elegemos este como tema da nossa matéria de capa desta última edição do ano.

Ainda nesta revista, homenageamos o Professor Lauro Basile, que há 30 anos lidera o curso de Teatro Infantil da Escola e que já encenou mais de 160 espetáculos durante a sua história no CSVP. Apresentamos a Transformadora Social Ana Achcar, ex-Aluna do CSVP, e coordenadora do programa de formação Enfermaria do Riso. E mostramos como as disciplinas de Artes, no Fundamental I, e Literatura, no Ensino Médio, vêm preparando os Alunos para o mundo que se apresenta.

Esperamos que você goste da revista! E não esqueça de mandar sua contribuição, trazendo sugestões e ideias, para enriquecer nosso trabalho. Basta mandar um e-mail para revistaachama@csvp.g12.br.

Boa leitura!

Simone Fuss
Presidente da APM

LAÇOS DE AFETO



FOTO: ARQUIVO CSVP

Semana da Família reflete sobre mudanças e responsabilidades dessa instituição fundamental na promoção e na defesa da vida

Clara mora com a irmã, Ana; sua mãe, Neuza; e o padrasto, Carlos. A cada quinze dias, a casa fica mais cheia, quando João e Pedro, filhos de Carlos, chegam para o almoço. Em fins de semana alternados, são elas que vão para a casa do pai, Henrique, e da madrasta, Vera, e almoçam com a meia-irmã, Valéria. Nas festas de aniversário, todos se juntam.

Clara e Ana são personagens fictícios, assim como todos os demais do parágrafo acima. Mas, poderiam muito bem ser Alunas do São Vicente. Não são poucos os Adolescentes e Crianças do Colégio, vivendo em lares de “famílias reconstituídas”, que incluem enteados e novos arranjos. Tendência que se repete no país todo, aliás.

Segundo o Censo de 2010, que pela primeira vez aferiu essa situação, são 4,4 milhões os lares brasileiros compostos por pessoas que se separaram anteriormente ou ficaram viúvas; e 2,5 milhões o grupo de enteados que vivem com padrastos ou madrastas.

Os dados mostram um retrato bem mais plural e diverso das famílias brasileiras do que aquele formado por pais, mães e filhos vivendo sob um mesmo teto. Mulheres no comando dos lares são 32,2%; 16,3% das famílias

são resultado de recasamentos; 36,4% dos casais não oficializaram a união nem no civil nem no religioso; quase 900 mil homens vivem com filhos, sem cônjuge; e 58 mil casais se declararam oficialmente homossexuais.

Convivência harmoniosa

Essas mudanças no perfil da Família, que geram impactos no cotidiano e exigem flexibilidade para garantir a convivência harmoniosa de seus membros, não passaram despercebidas no CSVP. No dia 26 de agosto, a Missa Celebrativa das Famílias do São Vicente deu início à Semana da Família, que se estendeu a todos os Segmentos de ensino, com atividades variadas, buscando refletir sobre os significados e responsabilidades dessa instituição, que é uma das células da sociedade.

“Anteriormente celebrávamos no Colégio o Dia dos Pais e o Dia das Mães, mas com o surgimento de novos modelos familiares, nos perguntamos se não seria melhor celebrar a Família, já que essas datas, além de dificultarem a inclusão daqueles que não se encaixavam nesse padrão, vinham muito contaminadas por uma visão comercial e de exploração dos eventos comemorativos”, relata o Padre Agnaldo Aparecido de Paula, da Direção do São Vicente.

“Nas grandes festas, como o Natal, a Páscoa ou o Dia das Crianças, procuramos sempre dar um tom que fuja do puro e simples consumo, seguindo a linha de reflexão sobre valores e do despertar sobre os sentidos e significados de cada fato, baseados nos princípios do nosso Projeto Político-Pedagógico”, complementa o também Diretor Padre Maurício Paulinelli. Que acrescenta: “Nos últimos quatro anos, tomamos então a decisão de ter esse momento celebrativo da Família no Colégio, seguindo a orientação da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, a CNBB, que a cada ano elege um tema da realidade das Famílias para reflexão nas paróquias de todo o Brasil. Fazemos parte dessa corrente maior, buscando compreender melhor os desafios do ‘ser Família’ em tempos modernos.”

Acolhimento das diferenças

O Colégio São Vicente sempre teve por princípio um trabalho de inclusão e acolhimento das diferenças, seja em relação a credos, classes sociais ou questões de gênero, trabalhados no sentido da convivência harmoniosa e humanizadora, em todas as situações. Com a família não é diferente.

A cada ano tem havido um crescimento maior na assimilação do tema e conseqüentemente nos trabalhos desenvolvidos na Escola. “No início trabalhava-se muito a partir da concepção mais tradicional de Família, aquela constituída por Pai, Mãe e Filhos. Mas, os tempos são outros, a realidade está mudada, as Famílias têm novos formatos e a compreensão sobre ela foi sendo ampliada como espaço de construção das relações que humanizam, fazem crescer e favorecem mais vida”, diz Padre Maurício.

De acordo com Padre Agnaldo, famílias tradicionais, monoparentais, pluriparentais, homoafetivas ou de qualquer modelo ou formato, são tratadas igualmente de maneira acolhedora no Colégio São Vicente de Paulo, que sempre prezou pela parceria Escola-Família, permeada pelo espírito vicentino.



“Tudo que é novo, é também um convite à reflexão e nos cobra posicionamentos. Não se trata de dizer o que está certo ou errado, mas refletir sobre valores, instituições que, sendo realidades humanas, culturais e históricas, vão se modificando. À medida que surgem situações novas, procuramos analisá-las à luz do Evangelho, avaliando o que é coerente e o que não é, e qual o papel, a função das instituições. Se é promover o amor, a defesa da vida, a dignidade da pessoa e seu desenvolvimento, isso é o que importa. Porque também na Família, infelizmente, pode-se aprender a odiar, a discriminar, a rejeitar, a abusar. O formato por si só, não garante a promoção da vida, afirma Pe. Agnaldo.

“Considera-se Família, espaços onde se vivem os valores que favorecem mais vida – o acolhimento, os serviços do amor, a doação, o afeto, o zelo, o bom trato”

Pe. Maurício Paulinelli



PÁGINA AO LADO, A TURMA DO 1º ANO RECEBE AVÓS E AVÓS PARA LANCHAR E CONVERSAR. ACIMA, E AO LADO, AS FRASES E MANDALAS DOS ALUNOS DO 6º ANO.

A Família em foco na Escola

Família grande, divertida, legal, esquisita, brava, amorosa... Cada uma do seu jeito. Foi assim que as turmas do 3º ano do Ensino Fundamental refletiram sobre suas vivências em Família, nas aulas de Ensino Religioso. Cada Aluno ilustrou o “retrato” de sua Família, emoldurado pelo contorno de um celular, depois exposto no hall de entrada do Colégio.

Assim como o 3º ano do Fundamental, todos os Segmentos de ensino do São Vicente desenvolveram atividades as mais diversas durante a Semana da Família: de bate-papos com avós e avós a poesias, ilustrações, músicas, concurso de fotos, cartazes, dobraduras, cartões e muitos debates em sala de aula e fora dela.

As turmas de 1º ano EF receberam para um lanche, com muito bate-papo, avós e avós que aceitaram o convite para virem compartilhar suas experiências e emoções de infância e proporcionar maior integração dos Alunos e suas Famílias. Já as turmas de 2º ano EF, para ampliar seus estudos em História, Geografia e Ensino Religioso, refletiram sobre as diversas formações de Famílias e suas características, com ilustrações que ficaram expostas nos murais do hall da entrada.

“Cada uma dessas atividades trouxe, ao grupo de Alunos que as realizou, oportunidades de se conhecerem melhor, assim como de refletirem sobre as diversas possibilidades de relacionamentos entre membros



das Famílias. O planejamento das atividades também contribuiu para a integração e troca de experiências entre os Professores envolvidos”, avaliou a Coordenadora Pedagógica do 1º ao 3º anos do Fundamental, Maria Isabel Cabrera.

Poesia, música e dobraduras

Nas semanas que antecederam o evento dedicado às Famílias, os 4º e 5º anos do Fundamental dedicaram-se a reflexões e produções sobre o tema. Os Alunos do 5º ano, coordenados pelas Professoras Regentes, organizados em grupos, compuseram poemas expressando seus sentimentos e experiências. Eles foram reproduzidos em folhas A3 e decorados para exposição no dia do Encontro das Famílias do São Vicente. “As turmas de 5º ano tocaram na flauta músicas escolhidas para a missa, coordenadas pela Profa. Débora Braga. Um dos Alunos, também, tocou baixo acústico durante a apresentação junto com o restante dos músicos”, contou a Coordenadora Pedagógica Estela Machado.

Já os Alunos do 4º ano, orientados pelas Professoras Regentes e pela Profa. Beatriz, de Ensino Religioso, refletiram sobre o significado da Família para cada um. Após esse debate coletivo, os Alunos expressaram através de texto e ilustrações, o verdadeiro significado da Família para cada um deles. “O resultado desse trabalho foram lindas dobraduras de casas com fotos ou ilustrações de suas Famílias. Essas dobraduras foram decoradas e fizeram parte da exposição”, disse a Orientadora Educacional do Segmento, Nira Kaufman.

Do 6º ao 8º anos do Fundamental, houve um planejamento compartilhado, do qual participaram Coordenação Pedagógica, Coordenação Comunitária e diretoria do Grêmio do Segmento.



“Optamos por debates em sala de aula sobre as diferentes constelações que hoje configuram as Famílias e sobre os valores que sustentam esta instituição, chamando a atenção para os princípios Vicentinos que as fortalecem. A partir daí, organizamos um concurso de fotografias – “A Família bem na foto” – em que os Alunos registrariam cenas de Família, de acordo com a sua visão e sustentada por um valor que a dignificasse. Ainda com o propósito de fortalecer os vínculos familiares não convencionais, criamos a atividade: “Eu era estrangeiro e você me acolheu”– Ou não! Foram abordadas diversas situações de acolhimento a pessoas vindas de outros países e estados, a partir de depoimentos pessoais gravados, de exposição de objetos e lembranças das diferentes culturas dos povos que o Brasil ou o Rio de Janeiro receberam”, revelou Norma Hoffmann, que faz a Coordenação Pedagógica desse Segmento de ensino.

Desenhos, debates e textos

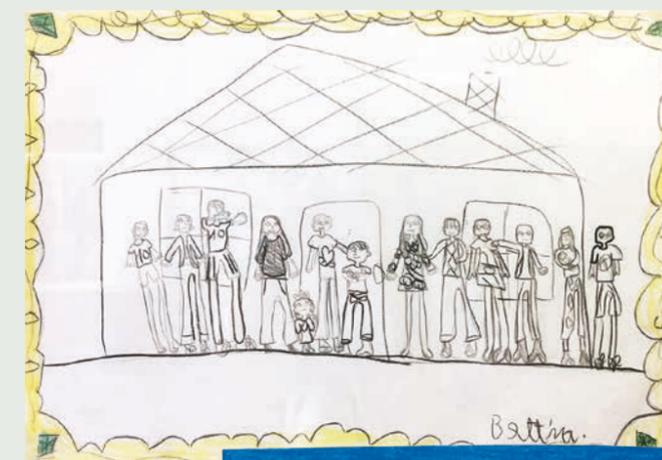
Conversas sobre Família, foram também realizadas com os Alunos do 9º ao 3º ano do Ensino Médio, trazendo diferentes contribuições acerca do tema, de acordo com a Coordenadora Pedagógica, Liliane Ferreira dos Santos.

No 9º ano, a reflexão foi feita a partir das próprias vivências dos Alunos, sob a orientação do Professor Cristiano, de Ensino Religioso. Cada um foi estimulado a pensar na sua Família como um todo, buscando identificar os sentimentos e as ações que contribuem para essa formação. Foram incentivados a representar, através dos desenhos do corpo humano, sua realidade familiar. Sendo as mãos, o fazer; o cérebro, o pensar; o coração, o sentir; os pés, o caminhar. O resultado desse trabalho foi exposto em murais da Escola.

PÁGINA AO LADO, EMBAIXO, AS DOBRADURAS DE CASAS COM DESENHOS E FOTOS DAS FAMÍLIAS DO 4º ANO; NO ALTO, NAS DUAS PÁGINAS, OS POEMAS DO 5º ANO; À DIREITA, DESENHOS DO 2º ANO SOBRE AS SUAS FAMÍLIAS.

No 1º ano do Ensino Médio, o trabalho foi desenvolvido em dois momentos. Inicialmente, a Orientadora Educacional, Maria Clara, promoveu uma Roda de Conversa sobre as expectativas que os Pais têm sobre seus filhos e também como esses Alunos se sentem em relação a essas expectativas. Após a conversa, já em outro momento, a Professora Teresa Assaife, de Português, fez uma análise das mudanças históricas que ocorreram na construção das Famílias e da forma como essas mudanças passaram a afetar os relacionamentos entre as pessoas; reflexões traduzidas em uma produção textual.

No 2º e 3º anos do Ensino Médio, os Professores André Mucci e Vera Bomfim, ambos de Português, levaram a reflexão sobre o tema para a sala de aula e os Alunos produziram textos com propostas diferenciadas para cada série. No 2º ano, a proposta surgiu a partir da definição apresentada no Estatuto da Família. Tal reflexão foi enriquecida com a apresentação de diversos textos, que apresentam pontos de vista diferentes sobre o mesmo assunto, enriquecendo a conversa e buscando fazer uma análise da realidade da sociedade brasileira.





TRINTA ANOS EM CENA



Teatro Infantil, o mais antigo curso extraclasse do São Vicente, celebra três décadas sob a batuta do Professor Lauro Basile

De setembro de 1987, quando estreou *O Médico*, adaptado de um texto de Molière, até agora, foram mais de 160 peças e esquetes montados pelo Teatro Infantil do São Vicente, com pelo menos 320 apresentações. Nesses 30 anos, cerca de 680 Alunos, do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental, passaram pelas aulas desse que é o mais antigo curso extraclasse oferecido pelo Colégio com o mesmo Professor, Lauro Basile.

Porém, talvez mais do que esses números superlativos, a importância maior desse feito, ainda que não mensurável, esteja no rico desabrochar dessas crianças e adolescentes, possibilitado pelas emoções e reflexões de que só o processo teatral é capaz.

“O Teatro Infantil tem contribuído e muito para os Alunos que o frequentam. É fácil notar como o desenvolvimento se dá, principalmente, nas áreas da fala (dicção e imitação), leitura (fluência) e compreensão de textos e subtextos, na expressividade oral e corporal. A criança ganha mais confiança e se expõe mais. É comum os Professores desses Alunos virem comentar: ‘Fulano nem abria a boca em sala e agora está todo desinibido. Como foi que isso aconteceu?’”, comenta o Professor Lauro Basile, responsável pela introdução do curso no Colégio e até hoje à frente dele.

A ideia de oferecer aulas de teatro para as crianças veio da então Coordenadora das 1as. e 2as. séries do Fundamental, Marlene Bluhm, já falecida. Foi dela que partiu o convite para que Lauro, que já dava aulas de música para os pequenos e cursava Artes Cênicas na UniRio, assumisse também o curso extra de Teatro Infantil.

Confiança e ousadia

A primeira peça montada não passou de 20 minutos de duração. A partir daí, Professor e Alunos foram paulatinamente ganhando confiança, os textos foram ficando mais ousados, com temáticas distintas e duração maior, a ponto de haver grupos que já apresentaram peças de mais de uma hora de duração.

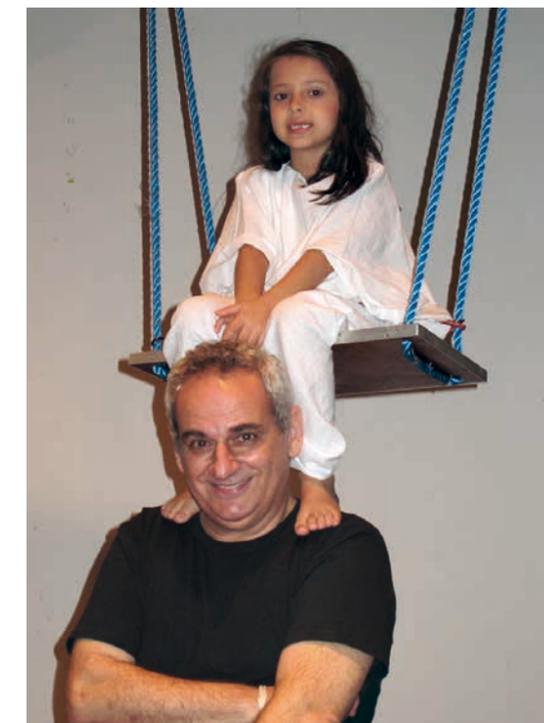
Os temas abordados nas peças, em sua maioria, refletem ações do cotidiano, mas de forma lúdica, engraçada, de fácil entendimento para as crianças, principalmente, para as menores. “Estamos falando de crianças a partir de 6 anos de idade, como ‘atores e atrizes’ e como espectadores, do 1º, 2º e 3º Anos do Ensino Fundamental. Com os Alunos de 4º e 5º, dependendo da maturidade deles, abordamos temáticas um pouco mais sérias, com temas que tratam da injustiça, da indiferença, da discriminação”, explica Lauro, que diz ainda: “Faço adaptações de textos existentes, escrevo meus próprios textos, apresentamos textos feitos em conjunto com os Alunos, é muito variado”.

Nesse percurso, o Curso de Teatro Infantil nunca deixou de fora de uma apresentação qualquer criança. Todas participam, não há o que se costuma chamar de “seleção de atores”. O critério para participação é tão somente a ordem de inscrição, limitada a 12 ou 14 Alunos por turma, dependendo da situação.

Para Lauro Basile, o mais importante do Teatro Infantil não é formar atores, ainda que isso eventualmente aconteça também, já que muitos Alunos querem seguir nos palcos da vida. Mas o fundamental mesmo, diz o Professor, é ajudar a crescer, a desenvolver a sensibilidade e a capacidade

crítica, abrir perspectivas, criar responsabilidades e, principalmente, “tentar ser feliz”.

É claro que nem tudo são flores, ressalva Lauro: o processo é complicado, trabalhoso. Mas sempre vale a pena, garante. “O Teatro me ensinou que ele transforma quem o pratica. A pessoa fica maior, aumenta sua capacidade de percepção e entendimento do mundo e ajuda a ter mais coragem de enfrentá-lo. Ensino Teatro para crianças porque sei que estou deixando um pouco de mim em cada uma delas. Desse modo é que me sinto realizado. Amo o que faço e pretendo continuar enquanto tiver forças, vontade e acreditar”. Assim seja.



“O Teatro me ensinou que ele transforma quem o pratica”

Lauro Basile

NA PÁGINA AO LADO, NO ALTO, O ELENCO DE O AVÔ, O NETO E O BURRO AGRADECE OS APLAUSOS, (2017); NO MEIO À ESQUERDA, A INCRÍVEL PELEJA DE LAMPIÃO, EM PARCERIA COM O TEATRO JUVENIL, DA PROFESSORA JOANA CABRAL (2011); À DIREITA, OS VIAJANTES (2014); EMBAIXO, A PLATÉIA NO AUDITÓRIO E CENA DE A BRUXINHA QUE ERA BOA (2011). NA FOTO À DIREITA, LAURO BASILE E UMA ALUNA (2011).

Curiosidades sobre o Curso de Teatro Infantil

Por Lauro Basile

1. Do início até o momento atual, foram mais de **160 peças**, com mais de **320 apresentações**;

2. Pelo Curso de Teatro já passaram mais de **680 Alunos**;

3. **Profissionais do Colégio São Vicente que participaram de algumas montagens:** Antonio Moraes, Arthur Guilherme, Nanci Bezerra, Nina Vernes, Lauro Basile, Noemia Bittencourt, Rozani Nascimento;

4. **6 estagiários** passaram pelo curso;

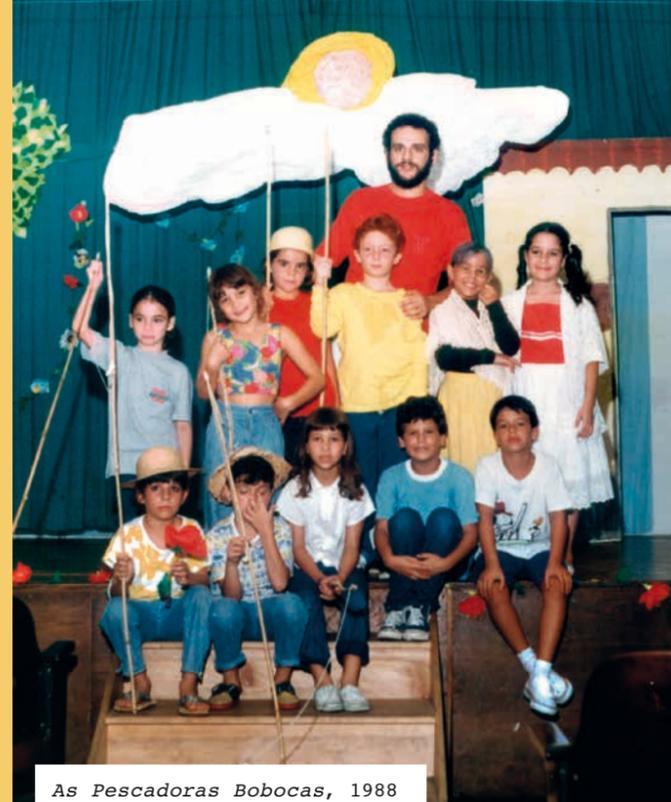
5. **Alunos que criaram textos que foram encenados:** Carolina Bressan e Lia Ferraz (*Elizabeth Não Queria Comer*) / Fernanda Ferreira, Flávia Lino, Helena Mayer e Paloma Espínola (*Um Simples Sorteio, Mas Muita Confusão*) / João Emílio Padovani (*Trapalhadas De Um Assalto*) / Maya Tyszler (*Ele Terminou Comigo*);

6. **Autores dos diversos textos apresentados:** Antonio Torrado, Benjamin Elkin, Carlos Drummond de Andrade, Carlos Eduardo Novaes, Esopo, Fernando Sabino, Ganymédes José, Hans Christian Andersen, Jacob Grimm, Joel Rufino dos Santos, José Paulo Paes, Karl Valentim, Lauro Basile, Luis Fernando Veríssimo, Maria Clara Machado, Moacyr Scliar, Orígenes Lessa, Oscar Von Peuhl, Paulo Mendes Campos, Paulo Tadeu, Pedro Bandeira, Rubem Alves, Sílvia Ortoff, Stanislaw Ponte Preta, Tatiana Belinky, Wilhelm Grimm;

7. **Profissionais que contribuíram na confecção de cenários, iluminação, montagem, figurino, som, assistência, programa, texto:** Alfredo Boneff, Ana Paula Arantes, Antonio Augusto da Rocha, Antonio Dias, Aurélio Oliosi, Cacau Marçal, Chayene Torres, Débora Montano, Ilana Linhales, Joana Cabral, José Luiz Andrade, Lucia Maria Madeira, Mario Alberto, Nestor Chiesse, Noemia Bittencourt, Oswaldo Eduardo Lioi, Renato Gomes, Ruberli Angelo, Sandra D'Almada, Telma Leite, Viétia Zangrandi;

8. O valor cobrado pelas entradas é revertido para cobrir os gastos das apresentações (cenário e adereços, principalmente), lanches durante as apresentações, saídas de comemoração (lanchonete, pizzaria, churrascaria) após as apresentações, ou compra de presentes (livros, Blu-rays, fones de ouvido) para as pessoas envolvidas no processo; ou seja, basicamente, **o Curso de Teatro Infantil é autossustentável.**

Gostaria de agradecer ao Colégio, aos Pais e, principalmente a todos os Alunos que estiveram/estão comigo no Curso de Teatro Infantil, por serem responsáveis por muitos dos momentos mais felizes da minha vida!



As Pescadoras Bobocas, 1988



Que Chapéu Sou Eu? com alguns Alunos da 1ª turma do Teatro Infantil, 1989



Cenas da Vida. O cenário são cenas da peça, feitas com o decalque dos corpos dos Alunos



Riachinho dos Deuses, com maquiagem de Sandra D'Almeida



Turma em 2004. Contamos com a ajuda de José Luiz de Andrade na assistência de direção e iluminação de vários espetáculos



A Rainha Está Pelada, 2010. A história é uma adaptação de A Roupas do Rei



A roda para desejar o "boa sorte" específico do teatro, antes de cada espetáculo. Com a atriz Viétia Zangrandi



Feiurinha, 2015, com 1h 15min de duração. As princesas grávidas reunidas, resgatam a história de Feiurinha, que ainda não havia sido escrita



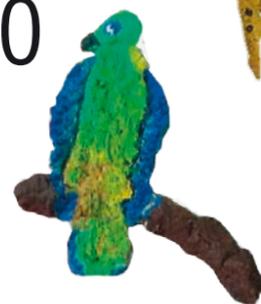
Cenas da Vida, 2013. Atuando com os alunos no esquete O Homem da Mão Ensanguentada



FOTOS: RENATA AZEVEDO



A ARTE COMO EXPRESSÃO DE SEU TEMPO



Projeto coletivo do 4º ano do Fundamental reflete sobre a urgente necessidade de preservação da natureza

Que futuro queremos deixar para nossos filhos? Foi com essa questão em mente que a Professora de Artes Renata Azevedo fez uma provocação aos Alunos do 4º ano do Ensino Fundamental, propondo-lhes um trabalho em grupo.

“É no 4º ano que o Aluno percebe que a arte pode ser também a expressão do seu tempo, além de ser a expressão do próprio artista”, explica a Professora.

Motivados pelo tema da Campanha da Fraternidade 2017: Biomas Brasileiros, as três turmas trabalharam a questão ambiental, refletindo sobre as queimadas, a extinção dos animais e o descarte do lixo caseiro, num projeto de Artes em que conheceram também novas técnicas, como impressão e papel machê, além do desenho e da pintura.

O ponto de partida foi a leitura do livro *Sumaúma, Mãe das Árvores – uma História da Floresta Amazônica*, de Lynne Cherry. “O livro fala da importância de uma árvore – a sumaúma – numa floresta, através do sonho de um lenhador. Lynne é uma bióloga que desenha primorosa e realisticamente a fauna e a flora, expondo visualmente o texto do livro”, conta Renata.

Ao final do processo, primoroso foi o trabalho coletivo do 4º ano, exposto na Feira de Cultura e Compromisso Social, no final do primeiro semestre, e depois exposto no mural de vidro da entrada principal do Colégio.

A *Chama* publica aqui um registro desse trabalho, que mostra o processo de conscientização das crianças, expõe a triste degradação da natureza e reivindica o urgente cuidado com sua preservação.



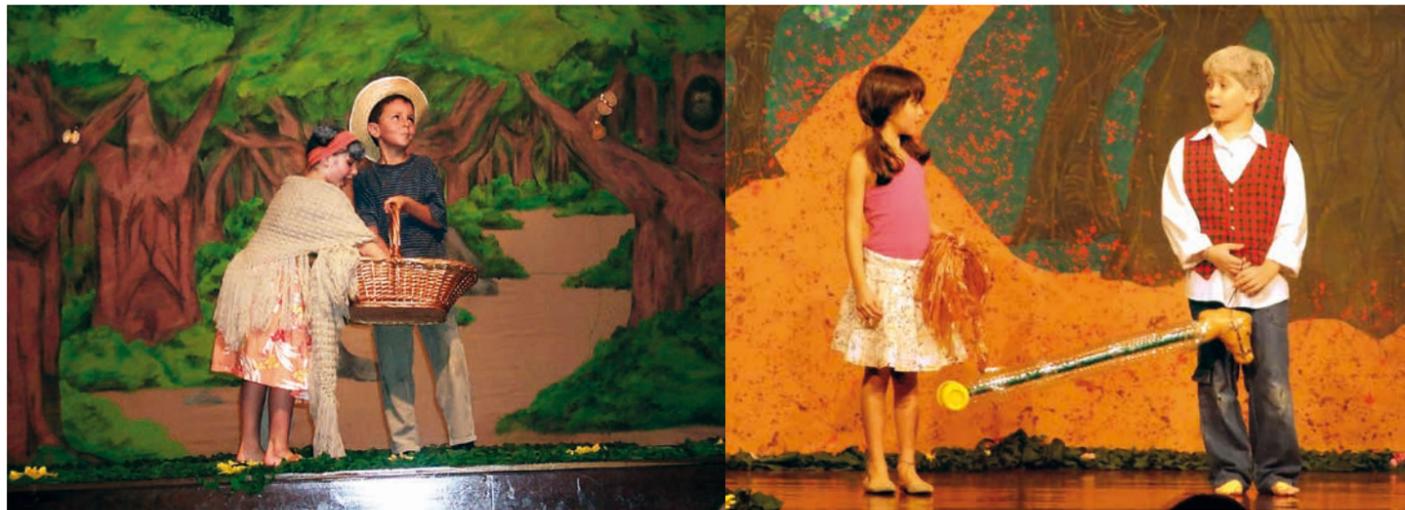
PÁGINA AO LADO, OS TRABALHOS DO 4º ANO: A ÁRVORE COM OS ANIMAIS EM EXTINÇÃO E EMBAIXO, O DESCARTE DO LIXO CASEIRO; NESTA PÁGINA, OS ALUNOS PRODUZEM OS PAINÉIS E OS BICHOS EM PAPEL MARCHÊ.

ONTEM E HOJE

Há histórias que são clássicas, atemporais. Outras não chegam a ser clássicas, mas são tão boas que merecem ser contadas várias vezes. É o que acontece com muitas das peças do Teatro Infantil do Colégio São Vicente: são encenadas e reencenadas para que as novas gerações tenham o prazer de conhecê-las. Além das cinco peças teatrais exibidas nesta página em diferentes montagens, também ganharam novas encenações ao longo do tempo os seguintes textos *Cenas da Vida*, *O mistério da Feiurinha*, *O Rei(Rainha) está pelado(a)*, *A criança não se cala*, *Adiaram a novela*, *A História da mulher baixinha que dava corda no relógio da Igrejinha* e *A culpa é do pão francês*. Todos inesquecíveis.



BRANCA DE NEVE E AS 7 ANÃS EM 1993 E EM 2009. A VERSÃO DA HISTÓRIA DE BRANCA DE NEVE. NO FINAL, AS ANÃS TAMBÉM QUEREM GANHAR O BEIJO DO PRÍNCIPE GATO. ALÉM DISSO, CHAPEUZINHO VERMELHO FAZ UMA APARIÇÃO NA PEÇA.



2002 - O VELHO, O MENINO E O BURRO, EM 2014 - O VELHO, A MENINA E O BURRO. AS ADAPTAÇÕES OCORREM MUITAS VEZES EM FUNÇÃO DO NÚMERO DE CRIANÇAS QUE PARTICIPAM. ÀS VEZES, HÁ POUCOS MENINOS



A BRUXINHA QUE ERA BOA FOI ENCENADA MUITAS VEZES, INCLUSIVE NO FINAL DESTES ANOS. ACIMA, EM 2001 E 2015.



A HERANÇA DO CONDE OBRÍLIO DARK - DE AUTORIA DE LAURO BASILE, EM 1997 E EM 2009. O CENÁRIO, FEITO ESPECIALMENTE PARA A PEÇA PELO DIRETOR DE ARTE OSWALDO LIOI, FOI CITADO NUMA REVISTA DE ILUMINAÇÃO COMO EXEMPLO DE COMO UM CENÁRIO PODE CONTRIBUIR PARA ILUMINAR A CENA.



QUE CHAPÉU SOU EU? EM 1989 E 2011. VÁRIAS COINCIDÊNCIAS FAZEM A MENINA ACREDITAR QUE ELA É A CHAPEUZINHO VERMELHO DA HISTÓRIA. E ELA, ACREDITANDO NISSO, VAI FAZENDO COM QUE A HISTÓRIA SE TRANSFORME NA HISTÓRIA DA CHAPEUZINHO.



AFIANDO A LEITURA, A ESCRITA E A CRÍTICA

Alunos do 2º ano do Ensino Médio produzem resenhas de peça de teatro dignas de profissionais do meio

As turmas em questão eram do 2º ano do Ensino Médio; a disciplina, Literatura; o conteúdo a ser trabalhado, o Romantismo; e o exercício a ser produzido, uma resenha crítica, em grupo. Buscando uma forma mais dinâmica de apresentar aos Alunos a obra do nosso poeta romântico maior, Castro Alves, o Professor Maurício Krause trouxe para o Colégio, em abril, a encenação do texto *O amor do soldado*, de Jorge Amado. A peça foi estrelada por Arthur Guedes, Luiza Faria, Leandro Fróes e Rodrigo Penna, da Companhia de Teatro Intenção e Gesto (TINGE), dirigida por Krause em parceria com Penna. De volta às salas, em dois dias de aulas, os Alunos tiveram como atividade a produção de resenhas críticas sobre a peça.

Com isso, segundo o Professor, foram trabalhados três aspectos: “O primeiro deles, o conteúdo do Romantismo mesmo, através do texto do Jorge Amado, que é um autor bastante didático, o que facilitou o entendimento da linguagem da peça; o segundo aspecto foi a produção de um texto em equipe, o que não é muito fácil nem trivial; e o terceiro aspecto, o da resenha crítica, um tipo de trabalho que vai ser exigido dos Alunos na vida universitária, que é observar um contexto, relatá-lo e fazer dele uma análise crítica”, explicou Krause.

Em grupos de três ou quatro, os Alunos do 2º Ano escreveram cerca de dez resenhas críticas por turma, obedecendo a todos os critérios técnicos que o formato exige. O que o Professor não esperava era que o resultado o surpreendesse tanto. Positivamente, claro. “A boa surpresa para mim foi que eu recebi trabalhos excelentes, que poderiam ser publicados em qualquer veículo de qualidade”, disse.

E é o que *A Chama* faz aqui ao publicar uma dessas resenhas, editadas em função do espaço, representando todas as demais. Um grande orgulho para toda a comunidade do Colégio São Vicente!

NO ALTO, O PROFESSOR KRAUSE CONVERSA COM O ELENCO E COM OS ALUNOS APÓS A ENCENAÇÃO DE *O AMOR DO SOLDADO* (FOTO MENOR). NA PÁGINA AO LADO, OS ALUNOS REUNIDOS EM GRUPO NA SALA PARA ESCREVER A RESENHA DA PEÇA.

“O Amor do Soldado” sob um olhar crítico*

Inspirada no texto dramático de Jorge Amado, a peça “O Amor do Soldado”, encenada no Colégio São Vicente de Paulo pela Companhia de Teatro Intenção e Gesto (TINGE), retrata parte da juventude do poeta romântico Castro Alves (Arthur Guedes) e seu amor pela renomada atriz Eugênia Câmara (Luiza Faria).

Sendo um poeta condoreiro, Castro Alves tinha uma grande preocupação e comprometimento com a sociedade brasileira e seu futuro. Tinha também um enorme talento para proferir discursos e influenciar pessoas, por isso, sua atuação no movimento abolicionista e republicano na segunda metade do século XIX era extremamente significativa.

Sua parceira, Eugênia Câmara, era a atriz principal da companhia de teatro do empresário lusitano Furtado Coelho (Leandro Fróes), que a estimava muito por ser a grande protagonista de seus shows.

A peça se inicia com a apresentação dos personagens por um estudante ficcional e anacrônico, que nos situa dentro do contexto do ano de 1866, em que se passa a história, e na cidade de Recife, Pernambuco. Em seguida, Eugênia revela seu amor por Castro Alves a Furtado Coelho, que, descontente com a notícia, alerta-a de que é impossível amar ao mesmo tempo o teatro e um homem.

Do outro lado, Castro segue em sua incessante busca pela liberdade, comparecendo a saraus e protestos, recitando seus próprios versos. O tempo d’O Poeta fica dividido entre os seus deveres para com a sociedade e seu amor por Eugênia.

Certa tarde, Furtado notifica Eugênia de que a companhia de teatro estaria se mudando para São Paulo em duas semanas. Ao receber a notícia, a atriz se sente obrigada a escolher entre seu amor pelo teatro e seu amor por Castro Alves. Eugênia opta

pelo teatro. A obra se encerra após uma discussão violenta entre o casal, magnificamente interpretada, que resulta na fuga de Eugênia Câmara para longe d’O Poeta.

É possível identificar na peça os conflitos internos dos protagonistas que se apresentam de maneira essencial para a composição de tais personagens e do próprio enredo. Os conflitos ajudam a enriquecer os personagens e torná-los mais complexos e profundos, e é nessa complexidade que reside a grandiosidade e a excelência do projeto de Maurício Krause e Rodrigo Penna.

Além dos personagens, a adaptação do texto original de Jorge Amado (por alguns considerado medíocre) foi muito bem elaborada. Composto por apenas duas cadeiras, uma mesinha e um pequeno baú, o cenário serve como estrutura básica para o desenvolvimento de todas as cenas. Tal espaço foi bem aproveitado pelos atores, principalmente por Arthur Guedes que se utilizou de pequenos cantos do palco para recitar os versos d’O Poeta, como se nesses momentos o teatro fosse literalmente deixado de lado, e apenas a liberdade e a poesia fossem importantes.

O contexto é o do século XIX, logo, a linguagem utilizada também pertence a essa época. O uso constante de pronomes e estruturas que hoje são consideradas formais demais poderia ter sido um fator dificultante na compreensão do texto, porém não o foi. A boa entonação e repertório de gestos físicos dos atores permitiram que a transmissão do texto fosse feita sem grandes problemas.

A pequena produção e os jovens atores fazem jus à proposta da Companhia TINGE (de ser uma companhia amadora, sem fins profissionalizantes), porém a qualidade do espetáculo caracteriza a peça como uma grande obra dramática.

*texto editado a partir da resenha original escrita pelos Alunos Bruno Coser, José Beltrão e Tiago Salem, da Turma 2 A, do Ensino Médio.

DOR COM HUMOR (TAMBÉM) SE TRATA

Ex-Aluna Ana Achcar coordena a Enfermaria do Riso, que forma palhaços de hospital

“O São Vicente me formou num lugar de olhar o outro, num lugar de empatia, que nunca mais saiu de mim”. Quem diz isso é a ex-Aluna Ana Lúcia Martins Soares, hoje Ana Achcar, sobrenome usado em homenagem à sua mãe. Ana é diretora e atriz de teatro, pesquisadora e Professora do curso de Artes Cênicas da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, a UniRio, onde criou e coordena, há quase 20 anos, um programa de formação, ação e pesquisa de palhaços em hospital, a Enfermaria do Riso.

De 1998 para cá, já são 48 os palhaços de hospital formados por ela. Aquelas figuras incríveis, que, de bolinha vermelha na ponta do nariz e jeito destrambelhado, adentram as enfermarias pediátricas para descontrair e trazer leveza à dura rotina das crianças hospitalizadas.

Hoje, no Rio de Janeiro, há diversos projetos oferecendo esse serviço, tais como Roda Gigante, Roda de Palhaços, Bando de Palhaços e Doutores da Alegria, e em todos eles há vários integrantes formados pela Enfermaria do Riso, um dos três únicos programas no mundo de formação de palhaços de hospital ligados a universidades – os outros dois estão no Canadá e em Israel. “Isso é importante por causa da pesquisa e da formação do artista que trabalha numa equipe interdisciplinar e que intervém na saúde”, explica Ana Achcar.

No caso da Enfermaria do Riso, trata-se de um programa que liga as Escolas de Teatro, Medicina e a enfermagem pediátrica do Hospital Universitário Gafre Guinle, todos da UniRio. Hoje o programa de palhaço de hospital está integrado na grade curricular do curso de teatro, com quatro disciplinas, mais o estágio no hospital, de maneira que o Aluno que quiser pode seguir essa especialização como profissão. “Nem todo mundo que faz teatro tem o palco como objetivo”, lembra Ana.

Máscaras e palhaçaria

Foi o que ela mesma descobriu na sua própria carreira. Depois de se formar em teatro, atuar como atriz e diretora, fez formação em máscaras e palhaçaria na França, prestou concurso para professora e encontrou sua vocação na universidade. Dava aulas de interpretação, quando foi convidada por uma Aluna para conhecer o trabalho dos Doutores da Alegria. “Foi uma das manhãs mais incríveis da minha vida, me diverti e, ao contrário do que eu imaginava que pudesse acontecer, saí de lá



FOTOS: ARQUIVO ANA ACHCAR



“O palhaço constrói sua atuação e seu jogo junto com a criança hospitalizada, ela é a peça fundamental do trabalho”.

Ana Achcar

muito animada, revigorada e achando que a vida tinha o maior jeito”, conta Ana.

Foi daí que veio a ideia de levar o programa de formação de palhaço de hospital para a UniRio, o que se concretizou depois de um árduo trabalho coletivo. Da primeira turma, apenas seis dos 99 inscritos, concluíram a formação. “Fazer rir não é uma coisa fácil, primeiro você precisa aprender a rir de si mesmo, o que nem todo mundo está disposto a encarar”, diz a ex-Aluna.

Ela explica que, diferentemente do circo, que tem o palhaço como centro do picadeiro, no hospital, o foco é a criança. “O palhaço constrói sua atuação e seu jogo junto com a criança hospitalizada, ela é a peça fundamental desse trabalho”, diz Ana, complementando: “O resultado não precisa ser necessariamente o riso, mas uma mudança de sensação ou de atitude da criança, que ganha autoestima. O palhaço transforma o que seria fracasso, em recurso”.

É essa possibilidade de os palhaços de quebrar fronteiras, olhar por outros pontos de vista e fazer

aflorar as ridicularidades e a humanidade de todos nós, o que mais encanta Ana Achcar nesse trabalho. Trabalho cuja semente, ela diz, nasceu no Colégio São Vicente, onde Ana estudou da então 7ª série ao 3º ano do Ensino Médio.

“A minha entrada no São Vicente foi um marco na minha vida. Eu entrei em 1975, no auge da discussão da Teologia da Libertação, havia uma grande liberdade de expressão na Escola, um movimento estudantil fortíssimo, em que me envolvi muito, em prol do fim do regime militar, pela anistia, uma enorme ebulição política. E, claro, havia o teatro, que eu conheci ali e nunca mais larguei. Participei do grupo *Calabouço* do Almir Teles, nos cinco anos em que estudei no Colégio. Esse olhar para o outro que o teatro dá, que a Enfermaria do Riso dá, quem me abriu

para isso foi, claro, o São Vicente”, diz a ex-Aluna.

A filha única de Ana, Laura, hoje com 20 anos, também estudou no Colégio. “Sei que ele passou por muitas mudanças, mas para mim, o São Vicente continua uma referência intocável”. Para os Alunos de hoje, ela deixa uma dica: “Não tenham tanta preocupação em definir que profissão vocês vão seguir. O que vocês vão fazer ou ser será sempre fruto da experiência de vocês. Experimentem, fiquem mais tempo em dúvida, ela é profícua. Onde há alegria, há tristeza, há sucesso e há fracasso, tudo faz parte”. Palavra de palhaça.

MORTIFICAÇÃO: A VIRTUDE QUE EDUCA PARA O ALTRUÍSMO

“Exercer esta virtude é educar para o desprendimento dos excessos encontrados na sociedade contemporânea, que nos impedem de perceber o outro na condição de pessoa e de transcender o olhar para as suas necessidades plenas”

Valéria Baptista,
Professora de Sociologia

Nesta edição, *A Chama* lança luz sobre a quarta virtude vicentina: a mortificação. Por esta virtude somos interpelados a morrer para nós mesmos. É a virtude que pede que nos entreguemos totalmente, pensemos primeiro nos outros, pensemos especialmente nos pobres antes de pensar em nós mesmos. Esta virtude nos educa para o altruísmo em detrimento do nosso egocentrismo. Assim nos diz São Vicente: “*Os santos são santos porque seguem as pegadas de Jesus Cristo, renunciam a si mesmos e se mortificam em todas as coisas*” (SV XII, 227).

E no contexto educativo, o que significa a virtude da mortificação?

Para a Orientadora Educacional Maria Clara Borges, essa é uma das virtudes vicentinas mais difíceis de serem trabalhadas na Escola, tanto pelo próprio termo, pouco utilizado, quanto por seu significado, associado à privação e flagelo. “Em um mundo onde todos só pensam em si mesmos, em se dar bem, garantir o seu próprio bem-estar, é bem difícil trabalhar com Educadores e Educandos o sentido da mortificação, que é o do altruísmo”, diz Maria Clara.

Mas ela frisa a importância dessa virtude: “Penso que o Educador necessita de uma grande observação do outro, do grupo, para que possa abrir mão de seus objetivos imediatos e trabalhar uma necessidade da turma, emocional, relacional ou do próprio conteúdo”.

Marlene Figueirôa, a Marleninha, do Serviço de Orientação Disciplinar, diz que, no Colégio, a mortificação se traduz na atitude de abrir mão da sua expectativa em relação ao ponto que o Aluno deveria estar, e focar nas reais possibilidades de ajudá-lo para que possa chegar ao lugar desejado. E como ajudá-lo? “Estimulando o Aluno nesse olhar para o colega. A não ver seu colega como um concorrente, mas uma pessoa com quem pode trocar”, ensina.

Ser para o outro

Professora de Artes, Patrícia Neves diz que a virtude da mortificação é o despojamento do desejo individual e egoísta, em direção a um desejo maior e de amplitude em direção ao próximo, no sentido de uma entrega ao bem em favor do outro. É a morte do egoísmo e do egocentrismo.

“A importância dessa virtude no contexto educacional é ímpar, pois parte do princípio que ‘somos para os outros’, isso significa o serviço inalienável ao qual nós, Professores e todos os que fazem parte do espaço escolar, devemos viver e exercitar constantemente, em nossas relações com o saber, com os Alunos e em todas as relações interpessoais, de modo a impregnarmos dessa virtude ao ponto de torná-la, nessa medida, nossa característica também”, diz Patrícia.

Para ela, a participação em projetos sociais que ajudem Alunos, Educadores e Famílias a vivenciarem realidades diversas e a fazerem o encontro com pessoas que estejam em situações adversas, é uma maneira de envolver a todos num comprometimento com a sociedade em que se vive, sem excluir os que mais necessitam, e desse modo, contribuir com a possibilidade de mudança e transformação social. “Acredito que é na realização desses projetos e no envolvimento e engajamento de todos que podemos realmente firmar os valores do altruísmo e da mortificação”.

Valéria Baptista, Professora de Sociologia, concorda. Segundo ela, exercer esta virtude é educar para o desprendimento dos excessos encontrados na sociedade contemporânea, que nos impedem de perceber o outro na condição de pessoa e de transcender o olhar para as suas necessidades plenas.

“A mortificação nos leva a refletir sobre o consumo, a aridez dos laços humanos e as possíveis saídas para um mundo mais fraterno e altruísta. E na perspectiva das possibilidades, torna-se necessário aprender a doar um pouco de nosso tempo para o outro. E são muitas as maneiras de colocar isso em prática: em projetos sociais; em atividades de sala, compartilhando o conhecimento; em um breve encontro no pátio ou no elevador. O gesto precisa ser extenso e principalmente efetivo”.

DESENHO DE ALUNO DO 4º ANO EF, AULA DE ENSINO RELIGIOSO, PARA CELEBRAR O ANIVERSÁRIO DE SÃO VICENTE





FALA, COMUNITÁRIA!

A NOVA EQUIPE DA COORDENAÇÃO COMUNITÁRIA: EMERSON RIBEIRO, LAURA REGENT E RENATA SALLES

Nova equipe, nova roupagem, novo olhar. Desde o início do ano passado, a Compasso – Coordenação que cuidava das atividades extraclasse do Colégio São Vicente, vem passando por uma reestruturação para melhor cumprir sua missão.

Num primeiro momento, a ênfase foi dada à Coordenação Comunitária, responsável pelos eventos culturais e artísticos do Colégio, as saídas pedagógicas, todos os cursos extras, a interface com as agremiações de Alunos, a relação com a Associação de Pais e Mestres, ou seja, tudo que acontece na Escola e que não seja estritamente pedagógico.

À frente da Comunitária está a jornalista e psicóloga Laura Regent, especializada em gestão de pessoas, que, além de passagens por outros Colégios, assessorou o Comitê Olímpico Brasileiro e o Globo Educação. Da equipe, que agora trabalha em tempo integral, também fazem parte mais dois colaboradores, esses já Funcionários do Colégio: o antes inspetor Emerson Ribeiro, e Renata Salles, que veio do Setor de Multimídia.

Os objetivos da Coordenação Comunitária permanecem os mesmos, mas as mudanças se deram sobretudo na forma de trabalhar. “Nesse período de um ano e meio, criamos um planejamento de eventos e novos processos que trouxeram mais agilidade e eficácia aos projetos da área”, diz Laura Regent.

Hoje, segundo ela, existe uma identidade visual mais clara em todos os eventos, o que imprime a eles uma feição mais institucional. “As saídas pedagógicas, por exemplo, agora são feitas com uma série de requisitos e informações, que facilitam muito a comunicação com os Responsáveis, os Professores e os Alunos”, explica.

Renata complementa dizendo que o trabalho com os Grêmios também foi intensificado, e que eles agora contam com um respaldo maior na ges-

tão dos seus recursos. “A gente sente que houve um estreitamento de laços, que estamos bem mais parceiros deles”, diz. Para isso também muito contribuiu a experiência do Emerson na área de Disciplina, por conta do contato diário com os Alunos e o bom diálogo com eles.

As áreas de assistência Pastoral e Social que faziam parte da Compasso não foram extintas, continuam atreladas à Coordenação Comunitária, mas, de acordo com Laura Regent, ainda estão em formação, por isso não foram formalmente apresentadas à Comunidade escolar. “Das três pernas, a Comunitária é a que já está mais bem desenhada, com uma estrutura e identidade mais claras. Ainda há muito a aprender e fazer, mas já estamos prontos para nos apresentar à Comunidade do São Vicente”.

Então, vamos lá: Muito prazer, Comunitária. Bom trabalho!

NOTAS

AUTO DA COMPADECIDA

Com o auditório lotado, o já clássico espetáculo *O Auto da Compadecida*, de Ariano Suassuna, foi lindamente encenado no Colégio São Vicente nos dias 5, 6 e 7 de outubro. As peripécias de João Grilo e Chicó, personagens de uma das mais ricas e engraçadas peças da dramaturgia brasileira, foram apresentadas pelo Grupo de Teatro Zadregos, formado pelos Alunos do 9º ano do Fundamental ao 3º ano do Ensino Médio, e dirigido pela Professora Ana Brasil. “Nossa montagem procurou se aproximar ao máximo dos desafios propostos pelo texto. Nossos atores/Alunos puderam experimentar todas as linguagens artísticas e entrar em contato com uma realidade rica, diferente e profundamente nossa. O que as distâncias territoriais, econômicas e culturais separam, a arte une e nesse espetáculo pudemos experimentá-lo”, disse a diretora. O público respondeu à altura: o sucesso da peça foi tanto, que ela ganhou sessão extra no sábado, dia 7. Parabéns, Zadregos!



FOTO ARQUIVO CSVP



FOTO SIMONE FUS

JANELAS DO SVEM

“Num show em que o tema é Acolhida, gostaríamos de ver ali representados os que sofrem algum tipo de rejeição, por credo, raça, nível social, ideologia, gênero, etc. Ao trazermos para o palco elementos de outras culturas, estamos valorizando estas culturas. Neste momento de tantas e diversas intolerâncias, agradecemos por fazer parte da família vicentina!”. Com este texto de introdução, o Coral SVEM – São Vicente Ensino Médio convidou a todos para seu show, intitulado *Uma janela para o mundo: estrangeiro eu não vou ser*. As apresentações se realizaram no auditório do Colégio, nos dias 26, 27 e 28 de outubro, às 20h, com regência de Patrícia Costa. “Foi lindo demais. Emocionante. Show de competência”, postou no Facebook a cantora Andrea Dutra, presente à apresentação do coral, na noite de abertura.

SEMANA DA CRIANÇA

Foram três dias de folia e brincadeira. Carnaval? Não, foi a Semana da Criança, celebrada no SV entre os dias 9 e 11 de outubro. Dias para se ir à Escola com roupa colorida, pijama, fantasia ou adereço. Dias dedicados ao entrosamento e à delícia de ser criança. Dias de cantar, dançar, contar piada, brincar, brincar e brincar. A programação, por conta dos grêmios e orientação dos Professores, Coordenadores e da Comunitária, teve tudo de bom: desde sessão de cinema às oficinas com os Professores de Laboratório, Ensino Religioso, Artes, Educação Física e Informática, passando por uma apresentação circense e um super escorrega inflável. Teve guerra de cotonete, carrocinha de algodão doce, picolé na cantina, lanche do gigante, baile e concurso de fantasias. “Mas a atividade que causa mais expectativa é o sempre muito esperado Show de Talentos, em que cada um, livremente, pode se apresentar para os demais colegas de série cantando, dançando, contando piada, declamando, apresentando experiências...enfim, mostrando o seu talento especial numa apresentação conduzida animadamente pelo Professor de Música”, contou Bebel, a Coordenadora Pedagógica do 1º ao 3º EF. Para Nira, do Serviço de Orientação Educacional - SOE e Coordenadora Adjunta do 4º e 5º anos, a programação foi muito animada. “E para fechar a semana, cada turma escolheu um filme para assistir, deitados confortavelmente em suas almofadas, com seus pijamas e com muita pipoca. Foi uma ótima semana, com muita diversão, brincadeiras e descontração”, resumiu.



NOVO ENSINO MÉDIO

Carga horária maior; currículo flexível baseado em cinco itinerários formativos; Matemática, Português e Inglês como únicas disciplinas obrigatórias para todos, nos três anos; Educação Física como prática facultativa. Essas são algumas das novidades prometidas pelo novo Ensino Médio. A proposta de reforma foi sancionada em fevereiro deste ano, mas o processo de implementação do novo modelo é complexo e deve levar cerca de quatro anos para chegar às salas de aula. Pensando em proporcionar um espaço de encontro para a reflexão e a melhor compreensão das reformas oficialmente anunciadas para o Ensino Médio, a Associação de Pais e Mestres convidou Pais e Responsáveis por Alunos do 6º a 9º anos para uma roda de conversa, que se realizou na Sala Multimídia, no dia 19 de outubro. Para ajudar a dar o pontapé inicial à conversa, foram convidados alguns profissionais que estão acompanhando de perto o tema: Mayra Pimentel, mãe de Aluno e especialista em Tecnologia Educacional e Educação Híbrida; Cristina Marques, Psicóloga e Orientadora Educacional; e André Chaves, Coordenador Acadêmico do CSVP. A partir da fala deles, o convite para uma ampla troca de ideias foi lançado na roda.

SV EM CAMPOS DO JORDÃO

Em setembro, Gabriel Rieche Estill representou o SVP na XXXII Reunião Anual da Federação de Sociedades de Biologia Experimental, em Campos de Jordão - SP. Com o trabalho “Os arquivos Brasileiros de Nutrição: Uma análise Histórica e Social do Brasil”, orientado pelo Professor Rômulo de Paula Andrade. Gabriel é Aluno do São Vicente desde o primeiro ano do Ensino Fundamental e termina seu percurso na Escola este ano. Durante esse tempo, foi integrante do GRECO, participante do projeto de Vocação Científica da FIOCRUZ, atuou no teatro do Ensino Médio, e sempre foi muito atuante nos projetos da Escola. Que Gabriel continue seu caminho de conquistas, solidiedade e muito sucesso!



SEMANA CULTURAL

Civilizações antigas, grandes impérios. Com esse tema, o Greco, agremiação dos Alunos do 9º ano EF e do Ensino Médio, liderados pela diretoria da chapa Capitu, organizou uma excelente Semana Cultural no Colégio, entre 11 e 15 de setembro. No dia 11, a homenageada foi a Civilização Grega, com um quiz mitológico e uma gincana baseada nas Olimpíadas da Grécia Antiga. No dia 12, foi a vez do Império Inca, com uma caça ao tesouro e pistas em formato de *Quipos*. O Império Japonês foi homenageado com apresentação e oficina de Taiko (tambores japoneses) pelo grupo Nikkei, no dia 13 de setembro. No dia 14, a cultura maori e suas tradicionais tatuagens foram simuladas com carimbos corporais, como os feitos pelo povo nativo da Nova Zelândia. E, no último dia, o Império Egípcio foi lembrado com maquiagem de *khol* e uma competição de esculturas de argila. Lindo trabalho!



FORMANDOS 2017



3º A

ALICE MIRANDA FATORELLI
ALICE SANTOS DUARTE BASTOS
ALINE SARAIVA LEÃO LIMA
AMANDA PIETROLUNGO CARDOSO
BEATRIZ FARAH NORÕES GONÇALVES
BERNARDO SÁVIO CAMPOS
BRENO OLIVEIRA GONÇALVES
CAIO CAVALCANTI CYSNEIROS LOUREIRO
FELIPE HECK MACHADO OLIVEIRA
FELIPE MARQUES PINKUSFELD BASTOS
GIOVANA BRAGA KEBIAN
GUILHERME MONTENEGRO BANHARO
GUILHERME RAPOSO LOPES MCMILLAN
HELENA NAZARENO MAIA
JOÃO BEZERRA CAMPOS
JOÃO PEDRO DE MATOS D'ASSUMPTÃO
JOÃO PINHEIRO LEITE PINTO
JOSÉ MACEDO MEKLER
JOSÉ MIGUEL DE TASSIS GUEDES
JULIANA PESSÓA PEREIRA DA CUNHA
LARA SOALHEIRO PRATA
LETÍCIA NERY TOMEI
LÍGIA NERY ANDRADE RIBEIRO
LUCAS FUSS MAIA DA SILVA
LUIZA VIDEIRA FILARDI
MARIANA ISABEL MARTINS NOGUEIRA
MARIANA PORTO BARRETO
MIGUEL REBELLO MIRANDA
PALOMA TABORDA GUARANY DE OLIVEIRA
PEDRO BEVILAQUA MENDES DE ALMEIDA
PEDRO XAVIER FERREIRA DE SÁ
RAFAEL REINERT
RAFAELA THORSTENSEN CAVALCANTE
TARCILA SILVEIRA DE PAULA FONSECA
VICTOR NIELSEN RIBEIRETE
VINÍCIUS DUARTE MATOS
VITOR NISKIER BRAGA



3º B

ARTHUR L. CAPANEMA COUTO E SILVA
BÁRBARA XAVIER MENDES FRÓES
BRENDA CRISTINA TORRES DA ROCHA
BRUNO VALDA DE ANDRADE LIMA
CAIO MIRANDA MOREIRA DA FONSECA
CARLOS FREDERICO DE S. M. PEREZ
CHRISTINE TEIXEIRA VILAÇA LOBO
DIEGO BARRETO FOGUEL
FELIPE CABRAL BITAR
FREDERICO GAZZOLA STRASSER
GABRIEL DE URZEDO ROSA MILMAN
GABRIELA F. DA CUNHA PINTO
GIOVANNA BILOTTA DE SOUZA CAMPOS
GIOVANNA CARVALHO MONTEIRO
GIOVANNA RAMUNDO L. DE BRITO
GIOVANNA TAVARES NERY
HELENA LISBOA RINO DOS SANTOS
HELIO SPERANZA CAMERANO NETO
HUGO DE BARROS ARAUJO
JOÃO ANTONIO VIDAL T. DE ANDRADE
JOÃO GABRIEL C. DINI NIELSEN
JOÃO GABRIEL SAUNDERS DE QUEIROZ
JOÃO PEDRO ELIAN DURÁN
JOÃO VICTOR ALMEIDA ANJOS
JULIA EBEL LOPES
LETÍCIA PEIXOTO DE MORAES
MARINA ALMEIDA MAINHARD
MARINA FERREIRA COSTA
MARKUS BALLHAUSEN ARRUDA
MATEUS GOMES DE ALMEIDA
MATEUS PERES PREGER
PALOMA GUIMARÃES DE MOURA
PAOLO MAXIMO DA COSTA MAIOLINO
PEDRO GUSTAV LEAL OSSOWICKI
PEDRO MACHADO BORBA PERDIGÃO
RAFAELA PACHECO GISSONI
VINÍCIUS BENJAMIN CANETTI
VITOR PEREIRA DE SOUZA



3º C

ANNA CAROLINA PARAGUASSU DA SILVA
BRENDA FIGUEIREDO SOARES
BRUNO VIEIRA DE MELLO C. QUINTIERE
CAROL CRISTINE DA SILVA
CATARINA FORTES BRANDÃO
CATHARYNA ABREU DE SOUZA MENDES
DAVI MACEDO MEKLER
EDUARDO BARBOSA CARREIRO TAVARES
EDUARDO COSTA SOBREIRA
FELIPE CYTRYN COLLETT SOLBERG
FERNANDA BRAGA ROCHA
FERNANDA CALDAS CARDOSO
GABRIEL RIECHE ESTILL
GABRIELA FIGUEIREDO SOARES
HELENA BELEM MEDEIROS DE ANDRADE
HELENA TONINI OLIVEIRA TELLES
JOANA M. GUIMARÃES FIGUEIREDO
JOÃO CARVALHO DE MELLO
JÚLIA BUNJES M. LIMA DE ALMEIDA
LUANA PESTANA POTSCHE
LUIZA RAÍNY GOMES RIBEIRO
LUIZA LUBIAN ALVES
MARCELLE G. JANNUZZI DE C. FERREIRA
MARCIO RODRIGUES BARBOSA
MARIA REZENDE COUTINHO
MARIANA MENDES MARTINS
PEDRO DE ABREU COLETTI
THÉO QUINTELLA CREMONA
THIAGO SAMPAIO PEÇANHA
VICTOR PARENTE LAMEIRAS
VICTOR T. YUNES VON MELENTOVYCH
VINÍCIUS BRUM TEIXEIRA SOARES
VIRGINIA FERREIRA DO AMARAL
VITORIA MARIA MORETZSOHN JUNQUEIRA

a chama PUBLICOU HÁ... 16 ANOS

A parceria Escola-Família vem de longe no CSVP. Desde a fundação da Associação de Pais e Mestres, em 1960, ano seguinte à inauguração da Escola, e em toda a história do São Vicente, Família e Colégio sempre estiveram juntos na tarefa de educar. Em novembro de 2001, essa relação ganhou matéria de capa na revista n. 63, intitulada Pais e Escola, juntos por um interesse comum. Aqui, o registro da palestra da psicopedagoga Ana Maria Lacombe, que esteve presente no auditório, em setembro daquele ano, falando aos Pais sobre o tema do desenvolvimento e dos limites das crianças.



Pais, filhos e escola: crescendo juntos

“Rotinas: hábitos, atitudes e valores. Onde está a família?”. Para uma boa pergunta como essa, quem esteve presente no auditório do São Vicente no dia 26 de setembro teve também boas respostas. O tema foi apresentado e discutido pela psicopedagoga Ana Maria Lacombe, que mostrou para os pais um quase histórico do desenvolvimento e dos limites das crianças.

A linha do tempo

Segundo a palestrante, a criança começa a criar identidade aos dois anos — é a fase do “não”. Por volta dos três, ela se reconhece como indivíduo e diz “eu” pela primeira vez. Somente a partir daí a lei pode se instalar. Portanto, pais veteranos e de primeira viagem, atenção: não adianta impor normas aos seus pequeninos porque, até dessa idade, eles são amorais, vivem na fase chamada de “anomia”. “Um bebê tem hábitos, rotina, mas não noções de regras. Isso tem a ver com a identidade”, explicou.

No período entre cinco e sete anos, a criança vê a regra encarnada em alguém que ela respeita. Não é raro ouvi-la dizer “Meu pai falou”, “Minha tia disse”.

Por volta dos nove anos, as regras começam a ser interiorizadas, a fazer parte da vida, sem que alguém precise cobrar. E a criança é capaz até de questioná-las. É também nessa fase que começa a aparecer a generosidade.

Tem início, então, um dos grandes papéis dos pais: mostrar-se para o filho como representantes e não encarnação da regra, deixar claro que também obedecem normas. Assim a criança vai entender que todo mundo, em algum momento, representa a lei, inclusive ela própria, no seu quarto, com seus brinquedos, por exemplo. O grande desafio, então, lembrou a palestrante, é ter autoridade sem ser autoritário. A pergunta é: como?

Um mundo de pernas para o ar

Ana Maria não apresentou receita de bolo, mas fez uma platéia encantada refletir um bocadinho. Segundo ela, toda instituição — família e escola — deve ter instituídos e instituintes. Os instituídos são as normas, os parâmetros, que permitem a organização. Mas aí surge um problema: o mundo virou de cabeça para baixo e os instituídos também. Se os pais ficaram sem referências, imagine os filhos... “Os instituídos não ficam muito claros, só quando começa a transgressão é que cai a ficha”, alertou.

Trabalho demais, falta de tempo, pouco convívio: tudo isso joga contra os antigos rituais familiares e a favor do individualismo. Quase não há mais regras na família. A escola se tornou o primeiro lugar em que as crianças vão ser verdadeiramente submetidas às leis. E isso pode ser muito assustador. Segundo ela, escola e família devem ser parceiras nesse barco novo que é o mundo de hoje. Questionar o colégio é um direito saudável dos pais, mas eles devem evitar desqualificar a escola e suas regras. E conclui: “Ainda bem que a escola é o ensaio geral do mundo. Viver é difícil, conviver é difícil”.

Para encerrar, Ana Maria citou Françoise Dolto, uma psicóloga francesa: “A vida impõe sofrimentos. Todos os desejos não podem ser realizados nem satisfeitos, mas todos deveriam poder ser expressos, pois nenhum desejo é culpável nem perigoso de imaginar e expressar. Ao menos não deveria sê-lo. A única coisa que deveria ser ensinada é a impossibilidade de sua realização”. A lição estava aprendida. ■

